



OS SENTIDOS DA PANDEMIA DO COVID19 PARA AS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA

MEANINGS OF COVID-19'S PANDEMIC FOR TRADITIONAL AFRICAN- BASED COMMUNITIES

*Sônia Regina Corrêa Lages**
*Raquel Turetti Scotton***

RESUMO

As comunidades tradicionais de matriz africana podem ser reconhecidas como territórios promotores de saúde, uma vez que desenvolvem em seus terreiros práticas e cuidados para com a saúde em seu sentido amplo, que envolve a espiritualidade, a saúde mental e física de seus adeptos. No contexto atual da pandemia pelo coronavírus, os terreiros tiveram que se posicionar diante da necessidade do isolamento social e da suspensão do calendário litúrgico, propondo novas formas de continuar atendendo aos seus devotos. Diante disto, apresentamos a resposta dos terreiros a esse momento atual através de uma etnografia digital, num espaço denominado de *ciberaxé*, priorizando as páginas no Facebook e os vídeos publicados por sacerdotes e sacerdotisas a respeito da pandemia. A pesquisa aponta a centralidade do orixá Obaluaiê neste momento de confronto com a doença e com a morte, a transformação como sentido para a pandemia e a fé nos orixás e na ciência.

Palavras-chaves: Saúde, Religiões afro-brasileiras, Pandemia pelo COVID-19.

ABSTRACT

African-based religions can be recognized as being health promoters, as they develop health care practices in a broad sense in their “terreiros”, which involves spirituality, mental and

* Professora de graduação e pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora.

** Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, UFJF.



physical health of their adherents. In the current context of the coronavirus pandemic, the “terreiros” had to position themselves in the face of the need for social isolation and the suspension of the liturgical calendar, proposing new ways to continue to serve their devotees. In view of that, we present the response of the “terreiros” to the current moment through a digital ethnography, in a space called “ciberaxé”. The research points out the centrality of the “orixá” Obaluaiê in this moment of confrontation with disease and death, the transformation as a sense for the pandemic and the faith in the “orixás” and the confidence in science.

Keywords: Health, Afro-Brazilian religions, Coping, Pandemic by COVID-19.

1. INTRODUÇÃO

A doença e a morte são questões fundamentais para o ser humano, momento em que se depara com uma série de perguntas sobre sua existência, sobre seus valores, sobre os sentidos da doença, da morte e da vida. Muitas vezes a biomedicina, de caráter racionalista, biologizante e dualista, não consegue responder a essas questões, uma vez que descarta a compreensão do ser humano como um sujeito portador de subjetividade, identidade, de desejos e de necessidades, dentre elas, a mais fundamental de todas, a de conferir significado para sua existência.

É o campo das religiosidades e das espiritualidades que poderá oferecer os pontos de referência que orientarão as pessoas diante do imprevisível. Se evitar o sofrimento diante das doenças é impossível, conferir um sentido a elas, torná-las inteligíveis, poderá colocar uma certa ordem no caos e fazer o sujeito seguir em frente. Reside aqui a diferença entre a compreensão da biomedicina sobre a doença e os saberes e práticas do campo religioso, e dentre esse campo receberá destaque aqui o das religiões de matriz africana.

A importância das religiões afro-brasileiras enquanto agências terapêuticas é hoje bastante conhecida junto às classes populares urbanas, que procuram nos terreiros de candomblé e umbanda o tratamento e a cura para suas aflições físicas e psíquicas. (MONTERO, 1985; VELHO, 1985; BRUMANA E MARTINEZ, 1991; GUIMARÃES, 2001; LAGES, 2010; 2012). Ele pode ser considerado um território promotor de saúde considerando seus saberes tradicionais acumulados desde a diáspora negra africana. Esses saberes e práticas oferecem uma resposta integral a uma série de queixas, sejam elas espirituais, somáticas, existenciais, psicológicas, de relacionamentos, e sociais.

E foi pensando na importância dos terreiros para a preservação da saúde mental, física e espiritual das pessoas afiliadas, na forma como acontecem os rituais e o contato com as divindades e entidades, e considerando o contexto da pandemia pelo coronavírus no ano de 2020, é que surgiram algumas perguntas: qual tem sido a resposta desse campo religioso à pandemia do coronavírus que solicita o isolamento social?

2. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE RELIGIÃO E SAÚDE

A relação entre a religião e a saúde é bem estreita, e diz respeito a como as pessoas interpretam e dão sentido às enfermidades, buscando no transcendente as respostas para momentos que interpelam a existência, a subjetividade, as relações familiares e com a comunidade de pertença. Esse momento dramático que pode ser finalizado com a morte, tem como alvo o corpo, e na compreensão de Csordas (2008), o corpo fenomênico, o corpo como *locus* da cultura, sede das diferentes formas de ser e de se estar no mundo. É esse corpo fenomênico que dá condições aos seres humanos de criar formulações culturais para compreender as doenças e os procedimentos de cura. O corpo nessa perspectiva não seria apenas biológico, “mas igualmente religioso, linguístico, histórico, cognitivo, emocional e artístico” (p.19). No caso das comunidades tradicionais de terreiro, o corpo é a morada dos deuses, ele é pois, sagrado. É nele que acontece o encontro dos orixás ou entidades espirituais com os seres humanos. Dessa forma, a preocupação com a saúde e a doença é um ponto central para esse campo religioso.

A devoção aos deuses, santos e espíritos, na ocasião da doença, pode ser entendida como algo indesejado pelos entes sobrenaturais, pelo próprio desejo destes, ou por espíritos do mal. A enfermidade seria uma desordem, um rompimento com a totalidade da vida, uma ruptura do ser com suas diferentes dimensões: com a natureza, com a razão, com as relações sociais, com o universo espiritual e psíquico. Lemos (2016) argumenta sobre as tensões diante da morte iminente, ou de uma doença muito grave, quando todos os referenciais da pessoa no mundo se tornam caóticos através de uma experiência que não pode ser delegada para um outro. Ela diz que está presente nesta angústia o modo como as tradições religiosas ao longo do tempo e em culturas específicas construíram crenças e valores sobre a morte e o

doente, colocando-os em determinados lugares sociais que são determinados pelo comportamento em vida. As religiões, pois, podem ter um papel importante no enfrentamento das doenças, como a solidariedade e o conforto espiritual, mas podem também ser extremamente negativas, punindo moralmente e minando as potencialidades subjetivas, psíquicas e espirituais do ser humano na luta contra a enfermidade, concebendo as doenças como punições pelos pecados.

Quanto às epidemias, elas trazem um profundo sofrimento, e se referem aos problemas de saúde que atingem a humanidade, colocando em risco sua sobrevivência. Ela suscita no confronto com a morte duas questões essenciais, a do sentido da existência e do valor da vida humana. E as religiões, de uma forma geral, apresentam respostas para essa realidade, momento que a transcendência é afirmada. (SANCHES, *et al*, 2020).

A OMS – Organização Mundial de Saúde declarou em 30.01.2020 que o surto da doença causada pelo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública. É uma doença altamente contagiosa que pode levar à morte. (Ministério da Saúde). Até o dia 23.08.2020, havia 23.311.719 casos de Covid19 e 806.410 óbitos registrados no mundo. (OPAS). E no Brasil, 3.622.861 de casos confirmados e 115.309 óbitos por Covid-19. (CORONAVÍRUS BRASIL).

A pandemia tem causado um imenso sofrimento à população brasileira pois gera medo, insegurança e desconfiança. Ela tem trazido a morte de milhares de pessoas, desemprego, fome, e instabilidade política. O corpo se tornou uma arma letal, uma vez que transmite a doença de maneira invisível. E neste momento, o orixá Obaluaiê, que rege as doenças contagiosas, tem fortalecido espiritualmente os seus devotos nas comunidades de terreiro, levando a fé, a esperança e solidariedade.

3. O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE TERREIRO

A hegemonia eurocêntrica em sua lógica imperialista e colonizadora, tentou invisibilizar e apagar as contribuições de várias sociedades na produção do conhecimento. Isto foi possível através de uma narrativa criada pela modernidade e baseada na existência de uma estrutura biológica que hierarquizou pessoas, grupos

e sociedades inteiras, situando uns em um patamar de inferioridade em relação a outros. (MIGNOLO, 2003; BOAVENTURA SANTOS, 2013; SUELI CARNEIRO, 2005). O não reconhecimento das contribuições do pensamento e da visão de mundo dos povos que sofreram a violência do projeto colonizador é denominado de epistemicídio. Para Carneiro (2005) o epistemicídio se constitui como um instrumento operacional para a consolidação das hierarquias raciais por ele produzidas, negando aos negros a condição de sujeito do conhecimento, desvalorizando, negando ou ocultando as contribuições da África e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade.

É neste sentido que o campo religioso afro-brasileiro propõe formas de cuidado com a saúde que foram inferiorizadas e negadas pela cosmovisão dualista do ser humano que o entende como sendo formado por mente e corpo, descartando a espiritualidade, a subjetividade e a identidade como elementos estreitamente ligados à saúde e à doença. A saúde, compreendida a partir da afroperspectividade, compreende as religiosidades de matriz africana como um sistema religioso terapêutico que contribui para com a saúde mental e física dos filhos de santo. O corpo aqui é a morada das divindades, ele é o responsável pelo diálogo com os orixás, com as entidades espirituais, e isto é possível através da incorporação quando é abolida a distância entre o Ayê, mundo dos seres humanos e o Orum, o lugar onde habitam os orixás.

O sagrado toca o sujeito através da corporeidade e exerce sobre ele uma força poderosa que permanece em contato com ele cotidianamente. A espiritualidade, a subjetividade, a identidade, a personalidade, a escolha dos alimentos que vão beneficiar a sua saúde, sua visão de mundo, suas relações sociais e afetivas, serão norteadas pelo sagrado. As ações do sujeito no mundo estão assentadas na relação que ele mantém com o transcendente. Não existe, pois, neste sistema religioso, o dualismo corpo e mente, pois tudo que existe no Ayê, também existe no Orum. É uma outra lógica que permeia a compreensão do que a saúde e do que a doença.

Considerando a classificação de Barros (2004), as doenças podem ser entendidas como sendo causadas pelas manifestações das entidades e divindades no corpo da pessoa, ou no caso das doenças epidêmicas podem ter a interferência da ação do orixá Obaluaiê, considerado como o senhor da vida e da morte. Elas podem ser entendidas da seguinte forma: a) como o descumprimento das obrigações religiosas,

a negligência com os assentamentos individuais, a frequência nas giras, a participação nos rituais, os deveres com a comunidade. O autor pontua, ainda, que a maior parte das doenças e dos distúrbios psicossomáticos dizem respeito às motivações individuais para o desenvolvimento do processo iniciático; b) pela quebra de regras com referência aos tabus alimentares ou de interditos sexuais; c) a doença também pode ser ocasionada pelo contato com a morte, com os espíritos de qualquer morto, os eguns, ou até mesmo com o contato dos egunguns, espírito de ancestrais. Esses espíritos, chamados de encosto podem provocar desordens no equilíbrio físico ou social do sujeito, atingindo as relações interpessoais. Para superar isto é preciso fazer oferendas, realizar rituais que visam separar as instâncias da vida e da morte (o axexê). Já a desordem provocada pelos egunguns requer oferendas, os ebós; d) as doenças podem surgir, também, pela contaminação com os elementos naturais (vírus, bactérias), naquelas pessoas que têm o corpo aberto, a pessoa que perdeu o seu axé. O restabelecimento da saúde é feito por procedimentos ritualísticos que podem estar associados às outras práticas da medicina.

Ao consultar um pai-de-santo, o sujeito espera prover o mínimo de informações possíveis sobre os agentes visíveis e invisíveis que compõem o contexto de sua doença. No candomblé, interpretar a aflição é elaborar uma narrativa que reconstitui a cadeia de eventos que levaram o indivíduo a adoecer e que aponta a direção do tratamento e da cura. Ambos estão envolvidos nesse processo – cabe ao sacerdote ou à sacerdotisa organizar a experiência caótica do doente e das pessoas envolvidas no caso, e cabe ao doente se reconhecer na narrativa de quem promove o tratamento, encaixando sua experiência no que é relatado pela mãe-de-santo ou pai-de-santo. A partir de então, o indivíduo doente passa a assumir uma série de obrigações rituais, que têm como objetivo fortalecê-lo frente a um meio de constantes ambiguidades e incertezas. As alianças realizadas com os orixás, objetivam equipar o indivíduo para realizar seus propósitos no mundo. (Prandi, 1991).

No candomblé, a cada pessoa corresponde um Orixá, que é “dono de sua cabeça” e que funda o indivíduo no culto, através de um longo e complexo ritual de iniciação. O indivíduo torna-se filho desse Orixá e recebe uma série de obrigações e interdições que deve cumprir por toda a vida. O dano sofrido por uma pessoa, na esfera da saúde, pode ter como origem a ação de seu Orixá para forçá-lo à iniciação do culto ou para

castigá-lo por infração ao código de obrigações e interdições. Existe, ainda, a possibilidade da doença ser causada pela ação dos Exus, espíritos sem luz. (BRUMANA E MARTINEZ, 1991).

Na umbanda, as doenças são divididas em “materiais” e “espirituais” e indicam se a causa do adoecimento possui uma raiz mística, e, portanto, se é ou não da alçada da agência. Aqui, como no candomblé, o diagnóstico aponta para duas direções: pode se tratar de um aviso de um espírito para que a pessoa desenvolva sua mediunidade; ou um castigo pelo descumprimento de rituais (não entrega de oferendas, rituais de purificação). A solução seria o ingresso na religião, ou no segundo caso, a reparação da relação com os espíritos ofendidos. (Ibid.) É importante perceber que a perturbação causada à saúde do indivíduo é deslocada para as relações, são elas que atuam no corpo do indivíduo, retirando dele o equilíbrio natural, proporcionado por um saber que se encontra no cotidiano das casas-de-santo e podem ser absorvidos pelas práticas rituais, pelas garrafadas, pelas rezas, pelas plantas, árvores, pelo assento do orixá, ou seja, por microssistemas que compõem a rede de significados da tradição do terreiro. Esses microssistemas organizam as formas de ser e de viver, organizam o mundo e constroem subjetividades. (GUIMARÃES, 2003).

Os estudos de Lages (2010) apontam, também, para a compreensão das morbidades nesse campo religioso como sendo causadas pelos preconceitos sociais sofridos pelas pessoas, pela desigualdade social e pela ineficiência das políticas públicas em saúde. Acrescenta, ainda, o importante papel da umbanda no sentido de apoiar psicologicamente os sujeitos diante da doença, confortando-o, propondo mudanças saudáveis nos hábitos de vida, indicando o tratamento médico e estimulando os demandantes a seguir o tratamento médico prescrito. As lideranças dos terreiros investigadas deixam claro que a função da religião é trabalhar com a prevenção, no reforço às mudanças de comportamentos que podem comprometer a saúde, e na promoção do apoio espiritual e emocional aos sujeitos frente às doenças.

Portanto, a saúde numa afroperspectiva, inclui práticas e saberes afrodiaspóricos ancestrais, herdados, contados e reelaborados através da oralidade e dos *itans*, constituindo um conjunto de elementos que beneficiam a saúde, enfrentam as doenças, fortalecem espiritualmente o povo de santo e constroem identidades e

subjetividades. Dessa forma, as causas de males e os diagnósticos subsequentes “apresentam-se indissociados da cosmologia e da concepção mágico-religiosa, refletindo o conjunto das relações sociais e os princípios básicos desse universo.” (BARROS, 2000, p.109).

Jung (1986) chamou atenção para a importância do fenômeno religioso, da experiência com o sagrado, que pode conferir sentido existencial e transformador na vida de uma pessoa. O acesso ao sagrado se daria através dos símbolos culturais, expressões dos arquétipos do inconsciente coletivo que alcançariam a consciência a partir do contato com esses símbolos.

Os símbolos ancestrais presentes no campo religioso de matriz africana como os *itans*, os atabaques, os pontos riscados, os pontos cantados, a comida de santo, possuem um potencial transformador e restaurador na saúde mental dos devotos. Os *itans* e os pontos cantados contam e cantam histórias dos ancestrais e são capazes de mobilizar a subjetividade dos sujeitos, fortalecê-los em suas lutas cotidianas, torná-los resistentes. (LAGES, 2020).

Em muitos dos pontos cantados na umbanda fica evidente a dor da experiência da diáspora negra e da escravização, que ficou registrada na psique coletiva, e a necessidade de não sucumbir, de reagir, de enfrentar, de acolher, chorar e cantar.

As práticas de cuidado em saúde, pois, propostas pelos saberes dos terreiros desempenham um papel fundamental na retomada do equilíbrio psicossomático da pessoa, que se dá através de uma rede de sustentação que conecta o doente com uma família mítica e humana, organizadas através de um espaço seguro onde é feita a inclusão do sujeito e a recomposição de uma vivência de continuidade de ser, reatualizando e reforçando laços e afetos, e aliando esse acolhimento ao uso da flora medicinal, aos rituais de limpeza e purificação, aos conselhos para a mudança de comportamentos adoecedores, às orientações para manter a proximidade com o seu santo, com as obrigações que o devoto tem com a comunidade de terreiro. (BARROS, 2000).

As cerimônias realizadas nos terreiros pressupõem uma significativa proximidade física com o sagrado, como na umbanda, quando as pessoas buscam por tratamento

e orientações para suas necessidades, e fazem consulta com as entidades espirituais. As entidades abraçam, tocam o corpo do devoto, falam muito perto do rosto da pessoa, com a ajuda inclusive de um terceiro, o cambone, que anota as receitas recomendadas e as orientações para o tratamento. E têm as festas, que comumente reúnem muitas pessoas, mais que o habitual, para celebrar e reverenciar as divindades através de rituais que incluem o compartilhamento de alimentos e bebidas.

Essa forma como se realizam essas cerimônias foi afetada pela pandemia de Covid-19, em curso, que trouxe uma série de preocupações e recomendações, por parte do Ministério da Saúde, para a realização das atividades religiosas. E é sobre esse tema que o presente artigo se interessa e pergunta: qual tem sido a resposta das comunidades de terreiro à pandemia de Covid-19?

4. MÉTODO

Os terreiros têm feito muito uso das plataformas digitais, espaço de compartilhamento de suas atividades, de denúncias, de troca de saberes do culto, de divulgação de eventos e de interação com seus membros e pessoas interessadas. E, esse espaço, denominado de ciberaxé (SILVA, 2013; CONCEIÇÃO, 2018), tem ocupado um lugar importante “para a reconfiguração do espaço afro-religioso, a partir da popularização do acesso às tecnologias digitais pelas classes populares brasileiras e, mais especificamente, pelos adeptos das religiões afro-brasileiras” (FREITAS, 2014). Priorizamos, então, as páginas no Facebook e vídeos publicados por sacerdotes e sacerdotisas no Facebook, por essa plataforma digital ser a mais popular do mundo e do Brasil. A pesquisa foi realizada no período de 01.06.2020 a 30.07.2020.

As páginas, que serão objeto de análise neste artigo, foram encontradas por meio de um sistema de busca simples, tendo como palavras-chave: “umbanda”; “candomblé”; “religião de matriz africana”; “religiões afro”, dentre outras. Foram analisadas as postagens de cada uma delas, observando o conteúdo cujo foco está diretamente relacionado à pandemia do Covid-19.

Já os critérios utilizados para selecionar as páginas encontradas foram: o número de pessoas inscritas, a partir de 100 mil, e, ainda, o número expressivo de curtidas,

compartilhamentos, comentários e postagens regulares. O objetivo na escolha do critério foi o de buscar terreiros com alcance na divulgação dos seus conteúdos.

A partir disto, cinco páginas receberam destaque: “Umbanda, eu curto”, seguida por mais de 300 mil usuários, com postagens variadas entre vídeos, fotos e postagens de texto; “Reino de Oxaguiã” , que por sua vez reúne diversos tipos de conteúdo relacionado às religiões de matriz africana e possui mais de 146 mil inscritos; “Umbanda livre”, “Universo do Candomblé” possuem, cada uma, mais de 110 mil seguidores e variados materiais de mídias supracitadas.

Já os vídeos das lideranças foram encontrados por meio de um sistema busca do Facebook em que foi selecionada a opção conteúdo “vídeo” juntamente às palavras-chaves: “umbanda; pandemia”; “candomblé; pandemia”; “religião afro e pandemia”. Priorizou-se vídeos que tivessem, pelo menos cinco comentários nas publicações para verificar a interação daqueles que acompanham os conteúdos dos sacerdotes, são eles: Rafael de Erinlé, Babalorixá no Ilê Asè Opô Erinlè, localizado na cidade do Rio de Janeiro; A lalorixá Omi Lade, líder do terreiro Ègbé N'la Yemoja, em São Paulo; a lalorixá Márcia D'Obaluayé, do Ilê Asè ni Oyá, na cidade do Rio de Janeiro, que também é popularmente conhecida como Mãe Márcia Marçal; Cláudio D'Oxalá, Sacerdote Umbandista do ATUPO - Templo de Umbanda Pai Oxalá, em Braga, Portugal e, por fim, Mãe Fabiana Carvalho, Sacerdotisa de Umbanda do Templo Umbanda Jacira das Águas, localizado em Santos.

Analisando os conteúdos dos vídeos e as páginas dos Facebook selecionados, a partir das perguntas que motivaram a presente pesquisa, três categorias foram levantadas: a) o sentido da pandemia; b) os orixás convocados; c) a pandemia, a religião e a ciência.

5. A RESPOSTA DAS COMUNIDADES DE MATRIZ AFRICA À PANDEMIA PELO CORONAVÍRUS

Quanto ao sentido, ao propósito divino para a pandemia, para os terreiros e sacerdotes é a necessidade de transformação, a pandemia veio ensinar que as pessoas precisam refletir profundamente sobre como estão conduzindo suas próprias vidas, a vida coletiva e da comunidade. O sentido se volta também para a necessidade

de cuidados com meio ambiente, com o planeta. O sofrimento teria o propósito do melhoramento de si mesmo, do outro, e da vida na Terra. Rafael de *Erinlé diz que* “o progresso quase sempre traz sofrimento, mas que possui o propósito do melhoramento”, e fala da importância “da fé e da resignação para que esse momento negativo seja superado e poder retirar dele algo bom”. O sacerdote reforça em sua fala no vídeo (vide link na referência bibliográfica deste artigo) que o progresso muitas vezes é gerado por meio de um processo negativo, mas que é um momento para se refletir sobre os erros cometidos, e essa reflexão sobre as atitudes humanas podem mudar totalmente a vida das pessoas. Fala, ainda, da importância dos filhos de santo cuidarem do ori, que vai conduzir todo esse momento para não deixar sequelas.

Para a ialorixá Omi Lade o momento é de voltar-se para dentro, e alerta também para as notícias falsas que circulam, fazendo uma autocrítica quanto à sua própria comunidade, o que é bem significativo:

Este é um momento pra gente se resguardar, este é momento de silêncio, é o momento do nosso quarto de santo, de estar protegido, a gente conhece bem isso, não é difícil pra gente ficar num lugar recolhido, em silêncio, em oração pra proteger a gente e aos outros. Desta forma estamos agindo como Yemojá, a senhora que protege nossos oris. É importante que a gente pense na cabeça do outro nesse momento, e não levar falsas notícias para que o outro se desespere. É o que tem acontecido em todas as redes sociais e principalmente em grupos de WhatsApp das nossas famílias de axé, chegam vários áudios, notícias que nem sempre são verdades. (<https://www.facebook.com/odarafotografia/videos/193647601927734/>, 2020).

Na página Umbanda eu Curto o silêncio é também convocado:

Omolu é o Orixá da vida e da morte, filho de Nanã, é o responsável pelo portal para o reino de sua mãe. Em África é intitulado como médico dos pobres, o senhor da varíola e das doenças epidêmicas. Seu nome é reservado a horas específicas e sua saudação, ATOTO, quer dizer “silêncio”. O mundo carnal está passando por uma epidemia mundial de proporções gigantescas, e para nós, povo do santo, mais que sempre, temos que nos apegar a este senhor. (<https://www.facebook.com/umbandaeucurto/photos/a.208978739175472/3591411367598842>, 2020).

No mesmo sentido, Cláudio *d’Óxalá* volta sua fala para a valorização da vida que o isolamento social pelo Covid19 proporciona:

Temos que lembrar de que tempos em tempos, epidemias aparecem, guerras aparecem, aonde o povo pára o stress do dia-a-dia, pensam, refletem, dão valor a tudo que tinham e esse é o momento de parar. Lembrarmos de todas as pessoas que estão sofrendo neste momento, de tudo isso que vai causar, de tudo que tínhamos e não dávamos valor, mais tempo para nossa família e refletir sobre o que realmente é importante.

(<https://www.facebook.com/192663914148102/videos/213555586661675>, 2020)

Quanto à relação da pandemia com o divino, ela se revela no chamado que os religiosos fazem aos orixás Obaluaiê, Ogum, Obatalá, Exu, e aos pretos e pretas-velhos. Obaluaiê, também conhecido como Omulu pelo povo iorubá, é o “rei senhor da terra” ou o “senhor dos todos os espíritos da Terra”, como “o senhor das terras quentes”, pois garante através do calor todas as manifestações de vida no planeta, a humana, a animal ou a vegetal. É também conhecido como médico dos pobres, ou respeitosamente como “o Velho”. (BARROS, 2018, p. 244). Obaluaiê é rememorado como a divindade com muitos ferimentos, carrega consigo cicatrizes de grandes sofrimentos. Ele é representado com um corpo coberto de palhas, e está associado a todas as doenças físicas e mentais, e às epidemias. Mas não é Obaluaiê que traz as doenças, a epidemia. São os seres humanos que não cuidando de si mesmos, do coletivo, do planeta é que provocam a ira do orixá. Mas Obaluaiê é o curador ferido, o sofrimento do orixá se transformou em sabedoria, e essa sabedoria está ao alcance dos seres humanos, do Ayê. E a ele são dirigidas as orações, pedidos de misericórdia, de compaixão, de agradecimento, de força e coragem para enfrentar a pandemia do coronavírus, a exemplo da fala de Cláudio *d’Óxalá*:

É um momento que o mundo inteiro tem que parar. Atotô, o silêncio reina entre nós e ele não vem como punição, mas conscientização. Para nos conscientizarmos para tudo que está acontecendo no mundo. Pararmos um pouco e cuidar do planeta, dar mais valor aos nossos irmãos, deixarmos de ser egoístas [...] Sentimos dor vendo o mundo perecendo, sabemos que a qualquer momento pode bater na nossa porta, mas o importante é darmos um salto, mergulharmos aprofundarmos, refletirmos, virarmos mais pra nós e para tudo que esse mundo nos dá: amor, família, natureza. (<https://www.facebook.com/192663914148102/videos/213555586661675>, 2020).

Mãe Márcia D’Obaluyaê fala da força espiritual que Obaluaê lhe dá para seguir com o acolhimento que se faz no terreiro:

Sou muito chamada na minha rede social, *inbox*, pedindo ajuda, pedindo pra conversar. Eu converso, eu tento animar. Graças ao meu pai, Obaluaê, minha cabeça tá boa, pra me animar. Se minha cabeça não tiver boa, tenho meu babalorixá, eu vou conversar com ele, vou ligar pra ele, ele vai me mandar uma mensagem pra ajudar minha cabeça. Um amigo talvez, eu vá procurar também. Assim faço com quem me procura, eu vou conversando, pedindo pra animar. Vou pedindo forças a Obaluaê, vou pedindo energia a Obaluaê, energia a mãe das cabeças, lá Ori pra colocar minha cabeça em ordem. Não pensar em fazer uma festa pra minha pomba-gira ou uma festa pra orixá. Eu festejo orixá todos os dias quando vou na minha roça, onde bato cabeça, eu peço, eu rezo, eu peço, eu rezo. Já estou fazendo uma festa. Arreio uma obrigação, uma comida, uma mesa. O que a gente tem que fazer agora é isso. Pedir perdão, vida, saúde, discernimento, direção.
(facebook.com/1724467474436556/videos/252995729142431, 2020)

De uma forma diferente, a página Universo do Candomblé pergunta aos seus filhos: "Se você ficasse de frente com Pai Xapanã, por um minuto, o que diria a ele?". Os comentários chamam atenção pela confiança no orixá e pelo tom reflexivo sobre a pandemia e sobre as pessoas: "O fim do vírus, e da ignorância"; "Pedir para que curasse o mundo e as pessoas que estão doentes, fisicamente, espiritualmente e mentalmente"; "O coração das pessoas está doente meu pai. Tenha misericórdia de todos nós."

O Orixá Ogum aparece em muitas mensagens, ele é convocado neste momento da pandemia por ser o senhor dos metais, da tecnologia. Diz o sacerdote Rafael De Erinlé que onde tem metal tem Ogum, que ele traz a inovação, o progresso e a possibilidade de nos comunicarmos por meio da tecnologia. As tecnologias que possibilitam as redes sociais recebem a proteção de Ogum, e elas devem ser usadas para as pessoas trocarem informações sobre os cuidados que se deve ter com a saúde neste momento. A sacerdotisa Omi Lade também fala da forte presença do orixá na pandemia e faz referência também a Exu:

Ogum é o senhor da tecnologia, é engraçado como todos os orixás trazem pra gente uma mensagem de como se comportar neste momento e é só a gente usar um pouco da nossa fé, um pouco não, toda nossa fé, para sairmos desse risco, então unindo a tecnologia de Ogum, as redes sociais, o computador, junto a palavra de Exu, com responsabilidade, vamos conduzir nossa comunidade pra um lugar melhor, um lugar de responsabilidade.(facebook.com/odarafotografia/videos/193647601927734/, 2020)

Obatalá aparece também nas postagens, nas reações dos devotos às postagens, ele é o senhor da paciência, da resiliência, que ajuda o ser humano na compreensão da vida e da morte. Tem presença, também, os pretos e pretas-velhas.

Na Umbanda eu Curto eles são chamados:

Chamando para perto nossos pretos velhos e pretas velhas, paizinhos e mãezinhas, vovozinhos e vovozinhos da Sagrada Lei de Umbanda. Nossas amadas pretas-velhas nossos amados pretos-velhos. Pedimos que consagrem esses copos d'água, que visitem os lares de todos que estão nos acompanhado por essa live. Que a força, que a fé, o amor a perseverança, a luz, seja derramado em nós. Amados pretos e pretas-velhas, a força de pai Obaluaê e de mae Nanã sejam tocados na nossa consciência e na nossa alma [...] (<https://www.facebook.com/umbandaeucurto/videos/625251608027617>, 2020).

E uma mensagem da vovó Maria Conga, do terreiro Choupana do Caboclo Sete Flechas, publicada na página da Umbanda Livre, chama seus filhos e filhas para uma reflexão sobre si mesmos neste grave momento. Ela fala:

A quem e ao quê você tem se aliado durante essa pandemia? Ao medo, a ganância, a falta de fé, a desumanidade, a corrupção, as trevas, a falta de disciplina da mente, corpo e do espírito? Ou a fé, a caridade, o amor, a luz, ao perdão, a compaixão, a verdade, a ajuda? Você foi a palavra que ajudou? A boca que rezou? A mão que acolheu e levantou? Ou foi o dedo que julgou, a mão que empurrou ou a boca que levou medo? Vovó lhe pergunta: A quem e ao quê você tem se aliado durante essa pandemia? ([facebook.com/umbandaL/posts/4088904867850909](https://www.facebook.com/umbandaL/posts/4088904867850909), 2020)

Essa mensagem atribuída à vovó Maria Conga está conectada com a realidade do hoje em que vivemos, e é importante apontar que em todas as mensagens postadas pelos terreiros ou pelos sacerdotes, a religiosidade está estreitamente vinculada com o que acontece hoje, de uma maneira crítica, reflexiva, e voltada para as orientações aos filhos de santo e devotos, confiantes no santo e na ciência. Nenhum terreiro, sacerdote ou sacerdotisa negou a pandemia, nem colocou a salvação somente nas mãos dos orixás e entidades espirituais. As orientações para a proteção contra o contágio seguem a Organização Mundial da Saúde, dos médicos e especialistas. Alguns terreiros postaram notícias de jornais falando sobre o número de mortes, sobre a falta de leitos nos hospitais, sobre o uso do álcool gel, sobre o uso das máscaras.

Ter fé, orar, cuidar da mente, do espírito e do corpo, e seguir as orientações da ciência para proteger a si mesmo e o entorno. Esta é a resposta dos terreiros dessa pesquisa à pandemia.

A mensagem de um sacerdote umbandista na página Umbanda Livre, com o título "Vamos falar de fé, vamos falar de Coronavírus", ilustra bem o que acabamos de falar. Ela diz:

Sim, sou umbandista e acredito, tenho fé, que Deus/Olorum/Zambi são atuantes em nossa vida, sempre nos abençoando e acompanhando, nas horas difíceis principalmente!!! Isso é divino, espiritual, sagrado!! Sim, sou uma pessoa que entende a importância do conhecimento, dos saberes e do científico. Compreendo que há profissionais que estudam profundamente questões, por exemplo, pesquisadores da Saúde com o foco no Coronavírus!! Não eh pq sou umbandista que vou acreditar que serei protegida, mesmo descumprindo todas as orientações da OMS, por exemplo. Estando nas ações recomendadas pela Saúde, posso sim continuar acreditando na força da espiritualidade. Uma coisa não exclui a outra. Posso ter fé ou variadas crenças, entretanto essa postura não pode colocar a saúde pública em risco.
(facebook.com/umbandaL/photos/a.1064431840298242/3766550810086318, 2020)

Na página Umbanda eu Curto a orientação é que as atividades do terreiro sejam suspensas e seguem as indicações do campo da saúde:

Como podemos ajudar de forma efetiva sobre os danos causados e colaborar para a causa comum? [...] Devemos evitar reunião de pessoas em espaço fechado, seja ele qual for. Como a maioria já deve saber, os mais afetados são crianças, gestantes e maiores de 60 anos. Diante da atual situação recomendo que as giras ou sessões de atendimento público sejam suspensas.
(https://www.facebook.com/umbandaeucurto/posts/3591871210886191, 2020).

A postagem do Reino de Oxaguiã demonstra a indignação pelas comunidades que abrem os terreiros durante a pandemia: "Enquanto muitos terreiros insistem em abrir durante uma pandemia, muitos filhos enterram os sacerdotes e sacerdotes enterram os filhos que perderam pró covid!".

(https://www.facebook.com/reinodeoxaguiã/posts/3002547866480041, 2020)

6 REFLEXÕES FINAIS

Como foi visto nas narrativas dos babalorixás e das ialorixás, o corpo é sagrado, é a morada das divindades. Ele é um corpo cultural, fenomênico, no sentido colocado por Csordas. A ligação entre esse mundo e o sobrenatural, a integração de todas as dimensões da vida humana, a biológica, a espiritual, a psíquica e a importância da natureza na vida dos adeptos, propiciam uma visão religiosa e de mundo em que os orixás e entidades interferem na vida cotidiana de seus filhos e filhas. É assim que Omulu, Ogum, os pretos e pretas velhos(as), dentre outros, atuam no mundo profano, e neste momento de pandemia, orientam as lideranças das comunidades de terreiro e seus devotos para enfrentarem esse momento tão difícil através da fé nos santos, nos orixás, e na ciência.

As comunidades tradicionais de terreiro se configuram como movimentos de resistência cultural negra pois em seus terreiros elas mantêm viva a sua história cultural, sua ancestralidade, sua mitologia, seus símbolos religiosos compartilhados, o que é crucial para um povo. Neste grave momento pelo qual passamos voltar-se para as próprias raízes, para os itans, para a memória ancestral tem um efeito reparador, curativo para a saúde mental, fortalecedor da espiritualidade, e criador de novas possibilidades de enfrentamento do tempo presente.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Flávio Pessoa; TEIXEIRA, Maria Lina Leão. O código do corpo: inscrições e marcas dos orixás. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.). *Candomblé: religião do corpo e da alma*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000, p.103-139.

BRUMANA, Fernando G., MARTÍNEZ. Eida G. *Marginalia Sagrada*. São Paulo: Editora Unicamp, 1991.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação) defendida no Programa de Pós-graduação Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CARVALHO, Fabiana. Yalorixá. *O covid19 nos dias de hoje*. Disponível em: <https://www.facebook.com/500588690029925/videos/138053794310234> . Acesso em: 19 jun. 2020.

CLÁUDIO D'OXALÁ, Babalorixá. "Atotô. Silêncio, ele está entre nós". Disponível em: [facebook.com/odarafotografia/videos/193647601927734/](https://www.facebook.com/odarafotografia/videos/193647601927734/), 2020. Acesso em 27 jun. 2020.

CONCEIÇÃO, Lúcio André Andrade. *Ciberaxé: contribuições para um campo em construção*. In: Revista Espaço Acadêmico. *Dossiê epistemologias negras*, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/1524>. Acesso em: 14 jul. 2020.

CORONAVÍRUS Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 14 ago.2020.

CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

ERINLÉ, Rafael. Babalorixá. *Como o Candomblé enxerga uma Pandemia como a do Coronavirus que assola a humanidade?*. Disponível em: [facebook.com/IleAse.OpoErinle.rj/videos/3562771997128993/](https://www.facebook.com/IleAse.OpoErinle.rj/videos/3562771997128993/). Acesso em: 15 jun. 2020.

GUIMARÃES, Marco Antônio Chagas. Tradição religiosa afro-brasileira como espaço de equilíbrio. In: Silva, José Marmo. *Religiões afro-brasileiras e saúde*, 2003, p. 41-51.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LADE, Omi. Yalorixá. *Ìyá Omi Lade: fala sobre Èsú e esse momento delicado de pandemia*. Disponível em: [facebook.com/odarafotografia/videos/193647601927734/](https://www.facebook.com/odarafotografia/videos/193647601927734/). Acesso em: 15 jun. 2020.

LAGES, Sônia Regina C. Choro, riso, esperança e fé. Vovó Maria Conga sob o olhar de Carl gustav Jung. In: LEMOS, Carolina Teles; FILHO, José Reinaldo F. Martins. *Religião, espiritualidade e saúde: Os sentidos do viver e do morrer*. Belo Horizonte: Senso, 2020.

LAGES, Sônia Regina C. Saúde da população negra: a religiosidade afro-brasileira e a saúde pública. In: *Psicologia Argumento*, 2012, p. 401-410. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23295/22368>. Acesso em: 12 abr. 2020.

LAGES, Sônia Regina C. *Saúde da população negra: reconhecimento e tradução cultural no terreiro de Umbanda*. Rio de Janeiro, 2010. Tese (Pós-doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

LEMOS, Carolina Teles; Ecco, Clóvis. Religião e saúde: o medo como elemento constituinte das representações da doença. In: ECCO, Clóvis; QUICENO, Japcy Margarita; QUADROS, Eduardo Gusmão; SIGNATES, Luiz. *Religião, saúde e terapias integrativas*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.

MÃE Márcia de d'Obaluyaê. Yalorixá. Atenção, adiamento da Festa da Dona Poeira. Disponível em: [facebook.com/1724467474436556/videos/211440019947217/](https://www.facebook.com/1724467474436556/videos/211440019947217/). Acesso em: 12 jun. 2020.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Sobre a doença*. Disponível em em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 24 ago.2020.

MONTERO, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. *Folha informativa de Covid19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 24 ago. 2020.

PORTAL do candomblé. Disponível em: <https://www.facebook.com/Portal-do-Candombl%C3%A9-112706008897367>. Acesso em 23 jun.2020.

PRANDI, Reginaldo. *Recriações religiosas da África no Brasil*. In: BAGGIO, Fábio; PARISE, Paolo; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Diásporas Africanas e Processos Socioloreligiosos*. (orgs.). São Paulo: Paulus, 2017.

REINO de Oxaguiã. Disponível em: <https://www.facebook.com/reinodeoxaguian/posts/2831621133572716> . Acesso em: 28 ago 2020.

SANCHEZ, Mário Antônio *et al*. *Religião e epidemias na história: do essencial ao perverso*. *Revista Rever, São Paulo, v. 20, n.2, 2020*. Disponível em: file:///tmp/mozilla_sonia0/50689-149072-1-SM.pdf. Acesso em: 14 jul 2020.

SANTOS, Boaventura. *Uma Sociologia das ausências e uma Sociologia das Emergências*. In: SANTOS, Boaventura. *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Patrícia Ferreira. *Axé on line: a presença das religiões afro-brasileiras no ciberespaço*. São Paulo, 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2013.

UMBANDA livre. Choupana do Caboclo Sete Flexas. Disponível em: <https://www.facebook.com/umbandaL/posts/4088904867850909>. Acesso em: 11 jul. 2020.

UMBANDA livre. Disponível em: <https://www.facebook.com/umbandaL/posts/3701573546584045>. Acesso em: 11 jul. 2020.

UMBANDA livre. Vamos falar de fé, vamos falar de coronavírus. Disponível em: <https://www.facebook.com/umbandaL/photos/a.1064431840298242/3766550810086318>. Acesso em: 12 jul.2020.

UMBANDA, eu curto. Disponível em: <https://www.facebook.com/umbandaeucurto/photos/a.208978739175472/3591411367598842>. Acesso em: 28 ago. 2020.

UNIVERSO do candomblé. Disponível em: <https://www.facebook.com/universodocandomble/photos/a.840420819302716/3465830066761765>. Acesso em: 14 jul. 2020.

UNIVERSO do candomblé. Se você ficasse de frente com o Pai Xapanã, por um minuto, o que diria a ele? Disponível em: <https://www.facebook.com/universodocandomble/photos/a.840420819302716/3219624441382330>. Acesso em: 13 jun.2020.

VELHO, Gilberto (org.). *Desvio e divergência: uma crítica à patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.